

PALAVRAS FÓRICAS: ALGUNS PRONOMES E OS ARTIGOS DEFINIDOS

Maria Helena de Moura NEVES*

RESUMO: Examinados na perspectiva da lingüística do texto e sob uma consideração funcionalista da linguagem, certos pronomes e os artigos definidos compõem uma classe que se distingue por um comportamento fórico, a partir do qual se pode não apenas definir seu estatuto, como chegar a: a) especificações guiadas pelo tipo de referências: pessoal, demonstrativa e comparativa; b) subespecificação segundo os níveis: sintático, semântico e discursivo-textual. Essas classes e subclasses são cruzadas com as classes tradicionalmente estabelecidas e são avaliadas na sua fluidez.

UNITERMOS: Classes de palavras; palavras fóricas; pronomes pessoais; demonstrativos e comparativos.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui pequena parte de um estudo mais geral** cujo objetivo é determinar o estatuto das classes de palavras gramaticais da língua, a partir da investigação de seu comportamento na unidade maior, o texto, o que representa a aceitação de uma dependência entre o estabelecimento das “partes do discurso” e o próprio discurso codificado no texto.

O enfoque é funcionalista, no sentido de que se entende que as classes de palavras podem ser consideradas como o *output* estrutural das funções de linguagem. Embora as diversas funções a que serve cada segmento do enunciado sejam indissociáveis, pode-se, metodologicamente, isolar a função mais proeminente e detectar as unidades que nela se combinam.

* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

** Trata-se do projeto “As palavras gramaticais do português: do texto às entidades”, que desenvolvo como Pesquisador do CNPq.

O modo de operação tem base sintático-semântica, vista semântica como construção de sentido da frase, bem como do texto, e a sintaxe, por outro lado, como responsável pelo arranjo construtor do sentido.

Nessa perspectiva da lingüística do texto, como consideração funcionalista da linguagem, na linha de M. A. K. Halliday (2), toma-se o texto em sua organização semântica, bem como em sua organização interacional, depreendendo-se, daí, o funcionamento das classes de palavras e sua taxionomia.

Considerada a função interpessoal, ressaltam a questão de escolha do sujeito (as pessoas do discurso ou a não-pessoa) e a questão das modalidades, ligada à polaridade, e das modalizações das frases, caso especialmente dos pronomes e advérbios interrogativos e dos advérbios atitudinais, disjuntos de frases.

A função ideacional, vista na organização do texto, se manifesta por relações semânticas que ultrapassam as que se estabelecem pelo sistema de transitividade, e delas as diferenciam em natureza. Assim, o exame da função ideacional no nível do texto implica a verificação de uma organização que se pode estabelecer em diferentes esferas:

- a) esfera dos processos e relações (mesma esfera de verbos);
- b) esfera dos participantes desses processos (mesma esfera dos nomes);
- c) esfera dos circunstantes.

Essas esferas, por sua vez, encontram manifestação tanto no nível estrutural (estrutura da frase ou do sintagma menor) quanto no nível não-estrutural, ou textual.

Acredito que o ponto de partida do tratamento – e da conseqüente taxionomia seja, justamente, o textual, porque:

a) algumas palavras, que estão na esfera dos participantes, são basicamente fóricas, e, portanto, são privilegiadamente vistas por sua função discursivo-textual; são exatamente as que se examinam neste estudo;

b) outras palavras, também da esfera dos participantes, operam processos não-fóricos, e isso caracteriza a definição de seu estatuto; são, por exemplo, os chamados “pronomes indefinidos”, os “numerais” e os “pronomes interrogativos”;

c) há exemplo de classes em que se depreendem subconjuntos que se definem pelo estatuto de fóricos, em contraposição a subconjuntos, estatutos diferentes que respondem por diferentes características de comportamento desses subconjuntos; ilustram esse caso os circunstantes de lugar e de tempo*;

d) outras palavras, da esfera das relações e processos, são basicamente juntivas ou seqüenciadoras no texto, e essa condição define o seu estatuto.

Abrigados em a) estão os pronomes que provêm referenciação e os artigos definidos.

* O estudo desses elementos está em Neves (6 - no prelo)

Os estudos tradicionais sobre pronome invocam como traço básico de definição a natureza substitutiva dessa classe de palavras, examinada especialmente na organização frasal. Colocada, porém, a base do exame na instância do discurso e em relação com a coesão textual, releva, já de início, a natureza referencial de um grupo de subclasses da classe tradicionalmente considerada como dos pronomes, como as que ocorrem* em:

(1) isso porque *eu* tenho aqui... *os* grupos com *os* nomes... e *essa* relação... vai servir... quando *da* avaliação de *vocês* (EF-Re-337:1.26-28)

(2) mas no *nosso* tempo como é que era? (DIDSSA-231:02-6)

(3) os grandes capitais americanos e de *outras* nacionalidades convivem dentro da realidade japonesa (EF-RJ-379:15.7-8)

Os exemplos destacam formas dos tradicionalmente chamados pronomes

a) pessoais: *eu, vocês*

b) demonstrativos: *essa*

c) possessivos: *nosso*

d) indefinidos: *outras*

Destacam-se também formas do chamado “artigo definido”, na frase**.

Verifica-se facilmente que todos esses elementos grifados são *fóricos*, isto é, apontam para uma recuperação da informação seja na situação seja no texto. Uma primeira especificação nos diz que:

- a) os pessoais e os possessivos constituem itens de referência pessoal: *eu, vocês, nosso*;
- b) os pronomes demonstrativos e os artigos definidos, por sua vez (tradicionalmente vistos como classes desvinculadas), fazem uma referência demonstrativa: ou de exófora ou de endófora (anáfora e catáfora): *os, a, essa*;
- c) os pronomes indefinidos do tipo de *outro*, finalmente, fazem referência comparativa.

Um primeiro agrupamento dos itens de referência do grupo nominal (1) formaria, então, classes como:

* O *corpus* aqui em exame é o conjunto de inquéritos do Projeto NURC selecionado pelo grupo que trabalha na Gramática do Português Falado, grupo ao qual pertence a autora deste trabalho.

** Na verdade, o agrupamento básico dos itens de referência inclui também elementos adverbiais (ver Neves (6) – no prelo).

REFERÊNCIA	PESSOAL	DEMONSTRATIVA	COMPARATIVA
	eu meu	este, esse aquele	outro

Esse agrupamento inicial, porém, prenuncia diferenciações específicas assentadas sob diversas bases, que levam a subagrupamentos.

2. ITENS DE REFERÊNCIA PESSOAL

2.1. Especificação semântica

Recorte-se, para exame, o seguinte exemplo: (4) *você* deve (...) fiscalizar (...) aquilo que entra na *sua* casa (...) sem *lhe* pedir licença

Pode-se apontar, para os itens *você* e *lhe*, uma indicação semântica de existência: *você* indica um actante; contrapõe-se uma indicação semântica de posse para *sua* (*ca-sa*), onde se encontra a relação *casa de você*. Chega-se, assim, à subclassificação semântica dos itens de referência pessoal em:

- a) pessoais: indicam pessoa;
- b) possessivos: indicam relação de posse entre duas pessoas*.

Que as propriedades semânticas dos possessivos provêm, para eles, um emprego totalmente diferenciado é ponto pacífico entre os estudiosos. A explicação, porém, dessa relação de posse oscila entre a postulação (dos semanticistas) de uma geração direta na base e a defesa de que as formas possessivas se obtêm por transformações a partir de outras estruturas. A maior parte dos gramáticos postula derivação a partir de uma estrutura como *o... de N*.

Para Gross (1) essa não é uma estrutura de base, e a estrutura elementar para a maior parte das ocorrências de possessivo é uma frase com verbo suporte do tipo de *Ele tem medo (seu medo)*, ou *Tomei a decisão de vir (minha decisão de vir)*. Dessas frases é que deriva a estrutura *... de N*, que aliás, é, por vezes, inaceitável, como em *o chapéu de mim*. Da mesma forma é problemático considerar-se como básica uma construção com verbo pleno (e não com verbo suporte), já que uma frase como *De-sejo ler esse livro dá, facilmente, meu desejo de ler esse livro*, mas uma frase como *Simpatizo com Paulo* não tem passagem evidente para *minha simpatia por Paulo* (com preposição diferente). Esse modo de estabelecimento de estrutura elementar (com verbo-suporte) põe no mesmo plano nomes associados e nomes não-associados

* Diz Apolônio Discolo que Dracão chamava *bipessoais* aos pronomes possessivos (Neves, 5, p.171).

a verbos: tanto se prevê *Paulo deu seu aval a esse projeto* (que tem o correspondente *Paulo avalizou esse projeto*) como *Pedro deu sim a esse projeto* (que não tem uma frase verbal correspondente).

2.2. Especificação sintática

Os itens indicativos de existência (*você* e *lhe* no exemplo 4) apresentam-se como núcleos de funções (participantes em predicação, com a mesma distribuição de um GN), enquanto os possessivos (*sua*, no caso exemplificado) são periféricos no GN. Essa diferenciação específica de estatuto sintático leva à subclassificação dos itens de referência pessoal em:

- a) pessoais: correspondem distribucionalmente a um GN;
- b) possessivos: são periféricos de um N.

A possibilidade do apagamento do núcleo nominal, no caso b), responde por ocorrências como:

- (5) I₂ – Ué, se um apartamentozinho que eu agora (es)tava querendo alugar, desse que, ali na 314...
 - I₁ – Esse aqui atrás.
 - I₂ – Não, não é o *meu*, o outro que eu (es)tava querendo alugar (D2-RJ-355:2.15-18)
- (6) I₂ – Aquele arroz com frutos do mar, a minha mulher é incapaz de, de, de prova(r)
 - (...)
 - I₁ – E, a *minha* também, a *minha* também

2.3. Especificação discursivo-textual

Os pronomes pessoais e possessivos *você*, *lhe* (= a *você*) e *sua* (= *de você*), ocorrentes no exemplo em questão, remetem à instância do discurso: não são, pois, itens de referência textual, isto é, não dão informação para recuperação em outro ponto do texto. Diferentemente ocorre, por exemplo, com os pronomes de 3ª pessoa, a não-pessoa do discurso. Apenas para estes, portanto, se pode defender a característica de uma natureza substitutiva:

- (7) Depois então meu pai resolveu bota(r) um professor. Primeira vez foi *ele* que quis me ensina(r) a nada(r) (DID-POA-045:15.4-6)
- (8) Aquele grupo mais próximo *dele* (EF-SP-405:48.66-67)

Uma subclassificação assim obtida desconsidera a distinção pessoal/possessivo e coloca:

- a) referentes a pessoa do discurso (basicamente exofóricos): (os de 1ª e 2ª pessoa)
- (9) *eu* tenho um cunhado *meu* (D2-POA-291:1.31)
- (10) ... quer dizer, *você* pega *suas* malas no carro e leva (D2-SSA-98:50.11)
- (11) mais horror do que *nós* têm os *nossos* filhos (D2-SSA-98:51.7)
- b) referentes a não-pessoa do discurso (basicamente endofóricos):
- (12) *Ela* saiu pra viajar, a faquinha *dela* vai (D2-SSA-98:52.7)
- (13) uma das finalidades principais... de um sindicato... é: exatamente a de prestar... toda e qualquer assistência aos *seus* associados (DID-RE-131:1,7-9)

2.4. Conclusão

Pode-se dizer pois, que, partindo de um agrupamento inicial com base na semântica textual, isto é, um agrupamento que leva em consideração a organização semântica do texto (coesão), chega-se, por diferentes critérios, a diferentes subclassificações. Pelo critério semântico e pelo sintático chega-se a um subagrupamento coincidente com a tradicional classificação em *pronomes pessoais* e *pronomes possessivos*, o que não significa que o resultado seja idêntico, já que o que se indica são subagrupamentos conduzidos pelo rótulo comum de “indicação de referência pessoal”, isto é, pela definição de ambos os subgrupos como:

- a) itens fóricos
- b) itens de indicação de pessoa

O critério de verificação da língua em função (discurso/texto), que preside ao agrupamento inicial, é responsável, também, pela diferenciação que obtém, finalmente, subclasses não coincidentes com os agrupamentos tradicionais.

O entrecruzamento das subespecificações propostas leva a uma organização das tradicionais classes de *pronomes pessoais* e *possessivos*, como segue:

QUADRO 1

CLASSIFICAÇÃO TRADICIONAL	SUBCLASSE SEMÂNTICA	SUBCLASSE SINTÁTICA	SUBCLASSE DISCURSIVO-TEXTUAL
pronomes pessoais	1. pes.	a)	a)
	2. pes.	a)	a)
	3. pes.	a)	b)
pronomes possessivos	1. pes.	b)	a)
	2. pes.	b)	a)
	3. pes.	b)	b)

Onde:

Subclasses:

semânticas: a) de existência
b) de posse

sintáticas: a) núcleo (no GN)
b) satélite (no GN)

discursivo-textuais: a) basicamente exofórico
b) basicamente endofórico

As subclasses detectadas e sua relação com as subclasses tradicionais estão apontadas no Quadro 2:

QUADRO 2

	TRADICIONAIS
determinantes:	pronomes possessivos
pro-nominais (substitutos de GN)	pronomes pessoais de 3ª pessoa
pronomes de instância do discurso	pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa

3. ITENS DE REFERÊNCIA DEMONSTRATIVA

3.1. Especificação semântica

3.1.1. Recortem-se, para exame, os exemplos:

- (14) eu poderia, por exemplo, dividir *esta* aula em os alunos homen(s) e as mulheres (EF-POA-278:2.31)
- (15) nós estamos falando aqui *neste* momento (EF-POA-278:3.50)
- (16) para complementar *isso* que você acaba de dizer (EF-RE-337:3,89)
- (17) Mas dizem também que *a* outra, *aquela* mais longe, eu acho que é... Trindade (D2-SSA-98:47.22-23)

Verifica-se, em primeiro lugar, que os itens *esta*, *este*, *isso* e *aquela* selecionam pontos do espaço em relação às pessoas e à não-pessoa do discurso, a partir do ponto zero do falante (sistema tripartido em português), enquanto os artigos definidos e o item demonstrativo neutro *o* não são seletivos nesse sentido, sendo indiferentes à localização espacial/temporal, como se vê em (18) e (19):

- (18) E que *os* que levaram *a* canoa, levaram *o* dia inteiro para arrumar a canoa (DID-POA-045;17,11)
- (19) um bom artista é *o* que desempenha o papel *na* peça de acordo (DID-SP-234:106.76)

Isso leva a uma subclassificação dos itens de referência demonstrativa em:

- a) demonstrativos (de sistema tripartido): seletivos de espaço relativo às pessoas gramaticais;
- b) artigo definido e demonstrativo *o*; não-seletivos de espaço relativo às pessoas gramaticais.

3.1.2. Uma segunda subespecificação semântica (na verdade, epistemológica) deve levar em conta a diferença que muito bem aponta Kleiber (4) entre o modo de referenciação do artigo e o do pronome demonstrativo. Parece evidente que o modo de apreensão referencial, que é direta no caso do pronome demonstrativo, passa pela mediação de uma avaliação externa ao contexto situacional, no caso do artigo empregado dêitico ou anaforicamente.

No exame das propriedades do chamado “artigo definido”, pode assentar-se que:

- 1) O artigo definido pressupõe a existência de um conjunto (unitário/de mais de um membro). Assim, a verdade de uma frase com SN definido depende da verdade da pressuposição existencial veiculada pelo SN definido (o SN definido veicula uma pressuposição existencial).
- 2) O artigo definido fixa um referente, mas de modo mediato: ele só é “tal” em determinada circunstância de avaliação; o contrato referencial que liga a descrição definida ao referente pode permanecer o mesmo em diferentes ocorrências, em exemplos como: *O presidente dorme. O papa viajou. O Papa fez um pronunciamento. O papa condena o aborto.* A verdade das quatro frases depende de uma avaliação que é a mesma para as quatro; no caso de uso do demonstrativo, cada vez se deveria renovar o contrato referencial.
- 3) No caso de emprego dêitico e anafórico (veja-se, abaixo, 3.3.), o contexto de enunciação serve para justificar a unicidade da apresentação indireta, isto é, fornece unicamente a circunstância de avaliação necessária; ele serve para constituir os “pontos de referência” que o sentido do artigo definido necessita; quer dizer: o artigo definido apresenta, nesse caso, o contexto de enunciação como uma circunstância de avaliação. Como nos outros casos, ele não remete diretamente ao contexto de enunciação, mas a uma circunstância de avaliação, e a diferença é que a situação contribui para a constituição do quadro avaliativo.
- 4) Em *esta ilha* (estando ela na situação), verifica-se que a contribuição da situação de enunciação é a primeira. Em *a ilha* (estando ela na situação, também) o mesmo não ocorre: o interlocutor compreende que na situação de enunciação há uma e uma só ilha que o locutor vê, e ele só é conduzido à situação de enunciação porque é necessário explicar a unicidade existencial veiculada pelo artigo.

Na contraparte, assenta-se que o demonstrativo é um designador direto; quaisquer que sejam as circunstâncias de avaliação, o demonstrativo, como símbolo indexical, continuará a remeter ao contexto da enunciação; assim, em *este homem*, a presença do predicado descritivo *homem* não pode ser concebida (como em *o homem*) como sendo uma propriedade que o referente é o único a possuir; pelo contrário, seu sentido implica a designação direta de um referente cuja identificação se faz tomando-se em conta a ocorrência demonstrativa em si, e não uma circunstância de avaliação qualquer. No uso do demonstrativo há um contrato referencial renovado a cada ocorrência.

De tudo isso se conclui que, se o contexto de enunciação não tem, com o emprego do artigo e com o do demonstrativo, o mesmo papel no processo referencial, entretanto não se pode negar a existência de um processo referencial no caso do artigo. A diferença está na especificidade deste elemento como indicador de unicidade existencial. Uma prova de que essa diferenciação epistemológica deve ser feita (e se liga com a outra diferenciação semântica apontada em 3.1.1.) é que apenas os demonstrativos são seletivos de posições no espaço (sistema tripartido), enquanto o modo de referenciação (mediato) do artigo torna impossível esse tipo de indicação.

3.2. Especificação sintática

Os itens de referência demonstrativa *isso*, no exemplo (16), e *os*, no exemplo (18), apresentam-se como núcleos de função (participante de evento, com a mesma distribuição de um GN), enquanto os itens *esta*, *este* e *aquela* dos exemplos (14), (15) e (17), respectivamente, são periféricos (no GN). Essa diferenciação específica, cruzada com a indicação de gênero gramatical, leva à subclassificação dos itens de referência demonstrativa em:

- a) demonstrativos neutros – correspondem distribucionalmente a um GN;
- b) demonstrativos masculinos e femininos – são periféricos de um N.

A possibilidade de apagamento do núcleo nominal, no caso b), responde por ocorrências como:

- (20) então a perspectiva *essa* da dogmática jurídica como é que ela funciona? (EF-RE-337:262-264)

3.3. Especificação discursivo-textual

Observem-se os seguintes textos:

- (21) vou fazer um mapa aqui bastante rude... *isto* seria a Espanha (EF-SP-405:49; 44-45)
- (22) e ainda aqui em toda *essa* região abrangendo o sudoeste da França (EF-SP-405:49.49-50)

- (23) Agora, observando *ste* quadro eu posso interpretar (EF-POA-278:2.19)
- (24) vocês têm aí registrado *naquela* folha marronzinha aqui, página quatro (EF-POA-278:2.19)
- (25) eu estou com financiamento de compra de apartamento, então *esse* financiamento... (D2-RJ-355:6.14-15)
- (26) Então ela foi pintada com uma tinta especial (...) Quer dizer, *aquela* tinta é uma tinta especial (D2-SSA-98:15.1-16,4)
- (27) Eu posso, por exemplo, perguntar o que é ser livre, vocês vão encontrar *isso* no estudo dirigido das habilidades (EF-POA-278:5.88-90)
- (28) O pior é *isso*: além de encomendada (a conversa), a gente dá o assunto, viu? Pode ser: a cidade, (...) *essa* cidade, *outra* cidade que tenham visto (D2-SSA-98:1-18)

Os itens grifados de (21) a (24) remetem à situação (são exofóricos), enquanto os itens grifados de (25) a (28) remetem ao texto (são endofóricos; no caso, anafóricos). No primeiro grupo de ocorrência do “pronomes demonstrativos”, pois, recupera-se a informação na situação; no segundo, em outro ponto do texto. O mesmo ocorre com o artigo definido.

3.4. Conclusão

Verifica-se que os itens de referência demonstrativa se subespecificam, já pelo critério sintático e pelo critério de indicação semântica, diferentemente do que apresenta a tradição gramatical. Pelo critério semântico discrepa o pronome demonstrativo *o* dos outros pronomes demonstrativos (que são localizadores com indicação de proximidade em relação à 1ª pessoa). Pelo critério sintático discrepam os pronomes demonstrativos *este/esse/aquela* dos outros pronomes demonstrativos (que são pro-nominais). Em ambos os casos, o artigo definido forma subclasse com os elementos discrepantes. É pelo critério lógico-semântico (modo de apreensão referencial) que a subclassificação tem congruência com a separação tradicional das classes de palavras.

Do ponto de vista discurso-textual, observa-se que o funcionamento fórico é uma característica básica dessa classe de itens, na qual todos os elementos operam “mostração” indiferentemente na situação como no texto.

O entrecruzamento das subespecificações propostas leva a uma organização das tradicionais classes de *pronomes demonstrativos* e *artigos definidos* como segue:

QUADRO 3

CLASSIFICAÇÃO TRADICIONAL	subclasses semânticas	subclasses lógico- semânticas	subclasses sintáticas	subclasses discursivo- textuais
pronome <i>este/esse/aquele</i>	a)	a)	b)	a)/b)
demonstrativo <i>isto/isso/aquilo</i>	a)	a)	a)	a)/b)
o	b)	a)	a)	a)/b)
artigo definido	b)	b)	b)	a)/b)

Onde:

Subclasses:

semânticas a) seletivos no espaço quanto à proximidade com a 1ª pessoa

b) não-seletivos

lógico-semânticas: a) apreensão referencial direta

b) apreensão referencial indireta

sintáticas a) núcleo (no GN)

b) satélite (no GN)

discursivo-textuais: a) exofórico

b) endofórico

As subclasses detectadas e sua relação com as subclasses tradicionais estão apontadas no Quadro 4:

QUADRO 4

TRADICIONAIS	
Determinantes	pronomes adjetivos demonstrativos artigo definido
pro-nominais (substitutos de GN)	pronomes substantivos demonstrativos

4. ITENS DE REFERÊNCIA COMPARATIVA

4.1. Especificação semântica

Examinem-se os exemplos:

- (29) vivendo no *mesmo* ambiente (D2-SP-360:174.1506)
- (30) criar uma pessoa... ou criar uma imagem é mais ou menos a *mesma* coisa (DID-SP-234;189-191)
- (31) em virtude da função pragmática desempenhada por essa *mesma* arte dentro da sociedade (DID-SP-234;57.388)
- (32) cada um tem as suas características embora... mesmo mês::o mesma educação (D2-SP-360:174.1505-1506)
- (33) Ele saiu e ela fez *o mesmo*
- (34) existem CERTas regiões onde há determinados frutos *OUtras* regiões... com *OUtros* frutos... (DID-SP-234;50,82-84)

Os elementos (*o*)/(*este*) *mesmo* e *outro* indicam, respectivamente, “identidade” e “não-identidade”. Trata-se de referência comparativa geral, feita apenas em termos de existência, ou não, do traço de identidade. Qualquer intermediação entre os dois pólos implicaria não uma *determinação* comparativa, mas uma *qualificação* comparativa, que percorreria diversos graus de similaridade ou de diferença*. Só há, pois, duas indicações semânticas na referência determinativa de comparação geral:

- a) identidade: (*o*) *mesmo*
- b) não-identidade: *não* (*o*) *mesmo* (*outro*)

4.2. Especificação sintática

A determinação de identidade pode ter manifestação dupla: dois determinantes (ou um predeterminante e um determinante): artigo definido ou demonstrativo + *mesmo*. Esse conjunto de elementos apresenta-se:

- a) como em (33): núcleo de função (participante em predicação, com a mesma distribuição de um GN);
- b) como de (29) a (32): periférico em um GN (correspondente a um GAdj.).

O elemento *outro*, que opera determinação de não-identidade, é sempre periférico de um N, como em (34).

Essa diferenciação específica, cruzada com a indicação de gênero gramatical, leva a uma subclassificação dos fóricos nominais de comparação em:

- a) comparativo de identidade neutro – corresponde distribucionalmente a um GN;
- b) comparativos de identidade masculino e feminino – são periféricos em um GN.

* Pela determinação do estudo à classe dos chamados “pronomes”, aqui só se examina a comparação dêitica do tipo determinativo. Não se contempla (dada a sua natureza lexical) a qualificação comparativa: nem a “geral”, como em *lápiz idênticos*, nem a *particular* (comparação com respeito a uma propriedade particular), como em *coisa melhor, agir melhor*. A relação comparativa quantitativa “particular” é expressa por elementos como *mais*, e também não está em exame aqui. Cabe observar, pois, que a expressão da comparação não está vinculada a uma única classe particular de palavras.

A possibilidade de apagamento do núcleo nominal, nesse último caso, responde por ocorrências como:

- (35) a senhora nota alguma diferença entre um teatro e outro? (DID-SP-234;109,226)
- (36) e ela então veio com a notícia que aquele Ketchup que (es)tava sendo servido era ela que tinha feito, o *outro*, ela tirou, botou o dela e serviu. Aí o pessoal, não é possível, foram prova(r) era o *mesmo* (D2-POA-291:12.199-202);

4.3. Especificação discursivo-textual

A comparação incorpora a implicação de um cotejo de duas referências. A instrução para o cotejo tanto vai para a situação (exófora) como vai para o texto (endófora).

4.4. Conclusão

Verifica-se que o pequeno conjunto de itens de referência dêitica comparativa compõe um subconjunto dos tradicionais pronomes demonstrativos (*mesmo*) ou indefinidos (*outro*). Do ponto de vista semântico, os dois elementos se opõem pela expressão da polaridade (positiva x negativa) no eixo da *identidade* entre referências. Pelo critério sintático distingue-se a comparação positiva de identidade como de dupla distribuição (de GN e de periférico em GN), enquanto a comparação negativa se faz com elemento periférico de N. Do ponto de vista discursivo-textual, observa-se que o caráter fórico dessa relação comparativa tem base na pressuposição de um primeiro referente, no contexto ou no texto, donde o caráter tanto exofórico como endofórico desses elementos, não importa o pólo semântico em que se situem.

O cruzamento das subespecificações propostas leva à organização que se segue:

	subclasse semântica	subclasse sintática	subclasse discursivo-textual
<i>o mesmo</i>	a)	a)/b)	a)/b)
<i>o outro</i>	b)	b)	a)/b)

Onde:

Subclasses:

semânticas: a) de identidade

b) de não-identidade

sintáticas: a) núcleo (no GN)
b) periférico (no GN)

discursivo-textuais: a) exofórico
b) endofórico

5. A FLUIDEZ NO ESTABELECIMENTO DAS CLASSES

Podem-se apontar agrupamentos entre subclasses que, apartadas por determinados critérios, entretanto se conectam por caracteres comuns.

Podemos falar em um componente de definitude que reúne os pronomes demonstrativos, os pronomes pessoais de 3ª pessoa e o artigo definido, que aliás são etimologicamente ligados*.

No Quadro 6, vêm indicadas as especificidades de cada subclasse dessa hiperclasse, segundo os critérios de: 1) distribuição; 2) indicação de proximidade; 3) marca de gênero:

QUADRO 6

Distribuição Marca Proximidade	SN marca de gênero		SAdj marca de gênero	
	sim	não	sim	não
Sim	—	isto, isso aquilo	este, esse aquele/esta aquela	—
Não	ele/ela	o/A	o/a	—

As propriedades distribucionais das diferentes subclasses apontam, então, para o fato de que três tipos básicos de sintagma são substituíveis como expressão referencial definida (comutando com nome próprio):

* Na gramática grega o artigo era *árthron*, “articulador” (Neves, 5, p.137).

QUADRO 7

sintagmas	<i>ele</i>
pro-nominais	isto/isso/aquilo
sintagmas	este/esse/aquele N
nominais	o N
	N próprio

Por outro lado, pode-se atentar para certas ocorrências de determinadas subclasses que levam a postulação da existência de características diferentes das (e até opostas às) que a caracterização prototípica das subclasses estabeleceu. É o caso do artigo definido, cujo (exo)forismo pode ser encontrado, por vezes, numa relação interna. O artigo, então, diz-se homofórico (Halliday & Hasan, 3, p.71): ele define ou restringe, a si mesmo; ele opera independentemente do entorno tanto social como lingüístico, sendo o referente identificado extralingüísticamente, mas sem se estabelecer uma referência enunciado/enunciação:: o referente é toda uma classe, seja porque a classe é unitária, como em *o sol*, seja porque a classe tem “n” elementos, mas o artigo, na forma singular, coloca um dos membros da classe como representante dela (*O homem é mortal*), ou, na forma plural, opera uma referência genérica (*Os homens são mortais*).

(37) *a lei feita para o homem* (EF-RE-337;3,90)

NEVES, M. H. de M. – Phoric words: some pronouns and the definition articles. *Alfa*, São Paulo, 34: 85-100, 1990.

ABSTRACT: Examined in the perspective of text linguistics, and in a functional approach of the language, certain pronouns and the definite article make up a class which is characterized by a “phoric” behavior, based on which it is a possible not only to establish its status, but also come to a) specifications determined by the reference type: personal, demonstrative and comparative; b) sub-specifications according to the syntactic semantic and text-discourse levels. These classes and subclasses are crossed with the traditionally established classes and are evaluated in their fluidity.

KEY-WORDS: Word classes, “phoric” words, personal, demonstrative and comparative pronouns.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GROSS, G. – Syntaxe du déterminant possessif. *Actas publiées par J. David et G. Kleiber*, Vol. XI, Paris, Klincksieck, 1986.

Alfa, São Paulo, 34: 85-100, 1990.

2. HALLIDAY, M. A. K. – *An Introduction to Functionnal Grammar*. London, Edward Arnold, 1985.
3. HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. – *Cohesion in England*. London, Longman, 1976.
4. KLEIBER, G. – Sur les emplois anaphoriques et situationnels de l'article défini et de l'adjectif démonstratif (mimeo), 1987.
5. NEVES, M. H. M. – *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo, Hucitec – Ed. Universidade de Brasília, 1987.
6. ————— – Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: *Anais da III Reunião do Projeto "Gramática do Português Falado"*. Campinas, no prelo, 1990.